



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8927 - Resumo Expandido - Pôster - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

ENQUADRAMENTO NORMATIVO E VIOLÊNCIA ÉTICA EM SALA DE AULA: A PARTIR DE QUAIS MOLDURAS PROFESSORES E ALUNOS SE RECONHECEM MUTUALMENTE?

Samara Almeida de Oliveira - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

**ENQUADRAMENTO NORMATIVO E VIOLÊNCIA ÉTICA EM SALA DE AULA:**

**A PARTIR DE QUAIS MOLDURAS PROFESSORES E ALUNOS SE RECONHECEM MUTUALMENTE?**

### **Resumo**

Os objetivos desta pesquisa são: trabalhar os conceitos de "quadros normativos" e "violência ética" na obra Judith Butler (E.U.A, 1956) para, a partir deles, investigar, em uma escola da rede pública como se estruturam modos de reconhecimento na relação entre professores e alunos em sala de aula. Para tanto, procuraremos, na obra de Judith Butler e em trabalhos sobre ela, discutir e aprofundar os conceitos em foco neste projeto. Em seguida, numa pesquisa de campo, serão realizadas entrevistas com os alunos, a fim de saber o que eles reconhecem como um "bom professor" e um "professor ruim"; e com os professores a fim de identificar o que eles, por sua vez, reconhecem como um "bom aluno" e um "aluno ruim". Através da análise das entrevistas procuraremos montar as molduras a partir das quais professores e alunos enquadram uns aos outros como "bons" ou "ruins". Feito isto, a fase final da pesquisa será, a partir das molduras elaboradas na fase anterior, novamente, entrevistar alunos e professores, para saber no que eles se reconhecem ou não nas molduras apresentadas. As molduras são operações do poder, produzem subjetividades e mediam o reconhecimento; contudo como operação de poder, suas consequências nem sempre são positivas.

**Palavras-chave:** Enquadramento. Reconhecimento. Normatividade.

### **Introdução**

Professores e alunos estabelecem diferentes relações em sala de aula: positivas, negativas, amistosas, hostis, simpáticas, antipáticas, de paz e de guerra.... Percebemos como essas relações, quando mediadas pelo reconhecimento mútuo entre os sujeitos, podem ser "positivas"; afirmando o conceito de reconhecimento como instrumento fundamental à dinâmica escolar. Conscientes de que o reconhecimento se dá como um processo recíproco

em que ambos, professores e alunos, através do movimento de se fazer reconhecível ao outro, também se reconhecem, podemos compreender que essa capacidade do sujeito é gerada, primeiramente, por um discurso normativo. Neste sentido, como afirma Butler (2015a): “O regime de verdade fornece um quadro para a cena de reconhecimento, delineando quem será classificado como sujeito de reconhecimento e oferecendo normas disponíveis para o ato de reconhecimento (p. 35).

Entendemos, portanto, que são a partir de determinadas condições normativas, que o reconhecimento acontece; são esses enquadramentos que delimitam o que será ou não reconhecido, ou quem será ou não reconhecido. “Podemos pensar no enquadramento como algo ativo, que tanto descarta como mostra, e que faz as duas coisas ao mesmo tempo, em silêncio, sem nenhum sinal visível de operação (BUTLER, 2015b, p.112). Essas condições normativas são explicitadas por Judith Butler a partir do desenvolvimento do conceito de “quadros normativos”, contemporaneamente usado em discussões sobre normatividade e violência ética.

Conscientes, entretanto, de suas possíveis contribuições às reflexões sobre educação (e filosofia da educação), utilizaremos tais concepções, ao analisar a sala de aula como um espaço de formação social e constituição de sujeitos, sendo ela também um ambiente onde se configura e se concebe o reconhecimento como processo essencial e “condição sob a qual o ser humano alcança a compreensão psíquica de seu próprio eu” (BUTLER, 2016, p.186).

Diante desta perspectiva e focando a relação entre professores e alunos, pretendemos, através deste estudo, identificar quais quadros normativos se constituem atualmente no cenário da sala de aula, e como eles agem na estruturação dos modos de reconhecimento e a violência ética implicada por essa normatividade que busca enquadrar a todos, professores e alunos, a partir de seus próprios critérios.

## Material e métodos

A metodologia pensada para o projeto baseia-se fundamentalmente em uma abordagem qualitativa, uma vez que, ao investigar as percepções a partir das quais os participantes da pesquisa (professores e alunos) se enxergam e se reconhecem mutuamente, percebemos o forte caráter subjetivo da pesquisa.

Para tanto, a pesquisa se estruturará em uma pesquisa bibliográfica e em uma pesquisa de campo; de modo que ambas possam contribuir de forma complementar para o alcance dos objetivos apontados. Como forma de organização, a mesma foi dividida inicialmente em três fases. Nesse sentido, no atual momento nos encontramos na primeira fase da pesquisa, que fundamenta-se na análise bibliográfica, através da qual, buscaremos identificar e definir os conceitos em foco. Para esta fase utilizamos, como bibliografia básica, os seguintes livros de Butler: *Vida precária* (2019)<sup>[1]</sup>, *Relatar a si mesmo* (2015)<sup>[2]</sup>, *Quadros de Guerra* (2015)<sup>[3]</sup> e *Corpos em Aliança e Política das Ruas* (2016)<sup>[4]</sup>, como também seu ensaio: "Anseio de reconhecimento". A bibliografia de apoio será levantada no decorrer da pesquisa.

Na segunda fase iniciaremos a pesquisa de campo. Nesse sentido, uma vez realizadas as entrevistas, elaboraremos, a partir da análise de seus resultados, as molduras pelas quais professores e alunos enquadram uns aos outros como “bons” ou “ruins”. Na última e mais importante fase da pesquisa, voltaremos a campo, dessa vez, para entrevistar professores e alunos, separadamente, e descobrir em que eles se reconhecem nas molduras elaboradas na fase anterior, ou se veem constrangidos e limitados por elas.

## Resultados parciais

Ao partirmos da sala de aula como espaço de análise e onde também se formulam e se reproduzem diferentes quadros normativos, podemos pensar que molduras são elaboradas e assumidas por professores e alunos ao enquadrarem uns aos outros no processo de reconhecimento. Nesse sentido, indagamos: que professor (ou aluno) posso ser segundo os quadros normativos em atuação? A que violência ética estão sujeitos os professores e alunos que não se “enquadram” às molduras sobre o que é reconhecido como um “bom professor” e um “bom aluno”? Tais questionamentos evidenciam algumas das implicações dos conceitos trabalhados na pesquisa; embora cientes da importância de todas as questões, nos atentamos a investigar em que medida professor e aluno se reconhecem nas molduras estabelecidas ou se veem limitados por elas.

Segundo Butler (2015b, p. 23), “a moldura direciona implicitamente a interpretação”. Desse modo, compreendemos que ela atua em função de algum sistema ou autoridade, uma vez que não poderia agir por si só, pois apesar de ser incorporados ao discurso dos sujeitos, os quadros normativos são formulados a partir de um regime de verdade constituído socialmente. Sobre essa questão, Butler (2015b) afirma que esses enquadramentos, em certos momentos, rompem consigo mesmo, e que quando isso acontece “uma realidade aceita sem discussão é colocada em xeque, expondo os planos orquestradores da autoridade que procurava controlar o enquadramento” (p.28). Deste modo, os quadros normativos manifestam-se como operações de poder, constituídos a partir de determinadas crenças que estruturam seus próprios modos de reprodutibilidade nos espaços de atuação.

Para Butler, é somente a partir de determinadas normas que o reconhecimento se dá. Nas palavras da autora: “Submeto-me a uma norma de reconhecimento quando te ofereço reconhecimento, ou seja, o ‘eu’ não oferece o reconhecimento por conta própria” (2015a, p. 36). As normas e os critérios presentes na cena do reconhecimento evidenciam, dessa forma, uma questão importante a ser analisada.

Ao partir desta perspectiva, podemos pensar que o professor, no ato de reconhecimento, necessita sumariamente de um quadro de referência no qual ele se baseará em certos critérios para identificar quais sujeitos são reconhecíveis (ou não) como alunos; e os alunos precisam também corresponder a tais normas para serem reconhecidos. Essas normas, por sua vez, compõem um quadro ou produzem um enquadramento que condicionam a cena de reconhecimento, delimitando quais sujeitos serão reconhecíveis e como o serão. Como afirma Butler: “Podemos pensar no enquadramento como algo ativo, que tanto descarta como mostra” (2015b, p. 112).

Em entrevista concedida a Knudsen (2010), Butler descreve, entretanto, que “o reconhecimento também pode ser o lugar onde os campos de inteligibilidade são transformados” (p. 168). A partir desta afirmação, podemos entender que os enquadramentos normativos não atuam de forma estável ou permanente, ou seja, existe uma possibilidade de ruptura destas molduras, por meio da qual podemos pôr em questão o enquadramento socialmente em vigor, abrindo espaço para novos quadros.

Diante dos resultados obtidos até o presente momento, os próximos passos são: dar continuidade a definição, aprofundamento e discussão dos conceitos explicitados, agora destacando também a concepção de violência ética. Para, em seguida, darmos início a pesquisa de campo.

## **Referências**

BUTLER, Judith. Vida precária: Os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

\_\_\_\_\_. Anseio de reconhecimento. *Equatorial*: revista do programa de pós-graduação em antropologia social, v. 3 n. 5 (2016): Dossiê: Paisagens sonoras. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/14922> . Acessado em 05/08/2020.

\_\_\_\_\_. *Relatar a si mesmo*: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.

\_\_\_\_\_. *Quadros de Guerra*: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

\_\_\_\_\_. *Corpos em Aliança e Política das Ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

KNUDSEN, P.P.P.S. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. Paris, junho de 2008. *Revista Estudos Feministas*. vol.18, n.1, p. 161-170, Jan./Abr. 2010.

---

[1] Primeira edição em inglês: 2004.

[2] Primeira edição em inglês: 2005.

[3] Primeira edição em inglês: 2009.

[4] Primeira edição em inglês: 2015.